

O COMERCIO

1925—Setembro, 27

1925—Setembro, 27

PUBLICAÇÃO SEMANAL AOS DOMINGOS

Propriedade de Franco & Irmão

O JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO COMERCIO

Red. e Tip. de Cidade de Porto—Rua de Varmim

ASSINATURAS—Semestre, 7500; Anual, 14000

Estabelecimento, ano 40000

ANUNCIOS—Linha (coluna estreita) 500. Mais de uma publicação, preço convencional.

da Póvoa de Varzim

Director e editor—Joaquim Braga

No fim da época

É hoje o último domingo de setembro, o que quer dizer que a época balnear de 1925 está a chegar ao seu termo.

Não será, portanto, desconfiada a realização de certas considerações a propósito da época de 1925 e apontar certos defeitos com que urge acabar, pelo prestígio da nossa praia, que começa, de facto, a impôr-se como uma das mais belas e a mais progressiva do país.

Efectivamente a época que gradualmente nos vai deixando, proporcionou a nossos hóspedes, os queridos banhistas que já consideramos parte da nossa família, magníficas ocasiões de diversão, a par com o magnífico quadro dos nossos melhoramentos, alguns deles, pelo ideal realista e pela presteza da execução, consideráveis, sem favor, uma maravilha de empreendimento e de arrojado.

Tentou modernizar-se o aspecto dos nossos cafés e alguma coisa de útil se fez nesse sentido, pois a despeito de aglomerados pois das aves da noite, o que aí está já é muito mais interessante do que até aqui se fazia, pela variedade de passatempos oferecida e pela sua nota alegre e movimentada.

A praia, ha que confessa lo, vai tomando um aspecto moderno, com o louvor de todos os que a frequentam e a preferem pela magnificência das suas condições naturais.

Ainda ha dias, um illustre professor que aqui não vinha ha bastante tempo, maravilhado com o que via, não teve duvida em colocar a Póvoa na vanguarda das grandes terras progressivas.

É que desde a monumental obra do Stadium Manoel João Gomes de Amorim até esse bello Corte de Tennis que aristocrático o sujo aspecto da Alameda Cego do Maio, a Póvoa só revela a sua fremente ansiedade de progresso, procurando collocar-se a par das grandes praias estrangeiras, pois sobejam-lhe condições para, a caminhar assim, num futuro proximo, concorrer com grandes probabilidades de êxito, ao certame de beleza das praias europeias.

Nem tudo, porém, são rosas, e não foi principal intuito deste artigo aia-las em ramo, senão revelar-lhes os espinhos que ferem ainda, e poderão ferir de morte até, o nosso amor banhista, o nosso brio de povóveis.

Entre esses espinhos cite-mos a hygiene da praia, o serviço da sua limpeza.

nossos males, o mais grave dos nossos defeitos e o que mais nos prejudica. Ha aspectos miseráveis e sujos no nossa praia, que são o seu principal e quasi unico motivo de descrédito.

Mercê de diversas circunstancias, entre as quais certamente avulta uma deficientissima educação higienica, agravada pelos habitos pouco limpos de certa população do norte que nos prefere, a Póvoa nem sempre oferece a nossa vista o quadro de asseio que já é o orgulho de algumas praias portuguezas e de todas as grandes estancias de Turismo.

É de vulgar ouvirem-se referencias desprimorosas ao nosso descuido higienico.

Querendo ser-se sincero, ha que confessar que muitas dessas referencias são perfeitamente justas e traduzem uma grande parte do desleixo em que todos somos culpados—dirigentes e dirigidos.

Cuidemos, pois, a valer do asseio da praia. Lancemos os nossos olhos para a sua limpeza e hygiene. Nossa campanha metódica e persistente eduquemos os nossos contemporaneos nesse desvelado amor ao asseio, que deve ser o timbre das terras verdadeiramente progressivas.

Fazendo-o, teremos concorrido notavelmente para o bom nome e progresso da nossa terra, elevando-a no conceito geral e tornando-a ainda mais querida e preferida dos nossos banhistas.

Não é obra de espanto a que se pretende; mas é, seguramente, a obra mais util à Póvoa.

Jerónimo Costa.

Banhistas

O tempo invariavel, por vezes invernoso, que leu feito, deu à nossa praia um tom menos alegre, trouxe-nos uma monotonia a que já não estavamos habituados. Recoheram a suas casas muitos banhistas e poucos loem chegado.

É, porém, ainda grande a concorrência que se nota, isso certamente até o dia 30, em que o exodo será maior. Fim de mez, principio de vindimas...

Até meados de Outubro, época de muito buliçosa e alegre se o tempo o permitir, com novas caras e novos costumes.

Festa infantil

e festival nocturno

Como noticiamos, terão lugar hoje, no campo de «tennis», uma festa infantil à tarde, e um festival nocturno à noite, ambos em beneficio da Associação dos Bombeiros para ajuda da compra de uma «pronto socorro».

A primeira festa é a repetição da que ha dias foi levada a effeito a favor do Hospital e que produziu as mais agradaveis impressões; na mesma tomam parte trizanas povóveis e consta de danças, canções regionais etc. É um lindo programma e sendo a receita para um fim tão humanitario, é de desejar uma targa affluencia.

O preço das entradas para cada festival é 250.

Theatro

Companhia Maria Matos—Nascimento Fernandes

Anuncia-se a vinda a este teatro da Companhia Maria Matos—Nascimento Fernandes. Esta noticia encenou de jubilo, porque mostra não só a vida gloriosa do teatro português, como ainda o caminho seguro e de Triunfo que, ano a ano, a nossa Póvoa vai trilhando. Aos que descreem do valor artistico do nosso palco, ainda de lucto recente pela Morte do grande José Ricardo, sem lhe minorar a magua, apresentamos-lhe essa companhia onde enquadra o melhor da melhor da altura risonha e artistica do povo. Maria Matos, a nossa melhor caracteristica, alma de eleição e temperamento cheio de sensibilidade, nos promotores da scena, que ela vive e ri, sabendo tambem chorar e solter corromo naquela Inimiga que Nicodemi parece propositalmente para ela ter escrito.

Nascimento Fernandes, é a garçalhada circumspecta e firme, sem flices nem rebucos, dita na sua pureza simples, graça nos olhos, nas atitudes, nas expressões ingenuas e saloias.

Silvestre Alegriem é a graça estilizada, buliçosa e até coscovilleira, riso que sai naturalmente respigado de ironias finas, cheias de tom e de bom gosto.

Augusto Costa é o riso-bom humor, o riso místico, sem escancanar, mas gostoso e fino, como fatias de pão de ló...

Maria Helena é a graça de menina—feita author—artista. A debutante de ontem é já a artista de hoje. Os outros, no valor, aquilatam-se por eles.

Do reportoriq desaxacam as peças. «A Maçaroca»—grande triunfo na ultima temporada do Politeama. «Era uma vez uma menina...» e «O Pinto Calçado».

Companhia Adelina Abranches

A talentosissima actriz Adelina Abranches fez reparo na apreciação que aqui fizemos ao seu trabalho em «O Gaiato de Lisboa» quando ultimamente foi representado no nosso Garrett.

Sentimos deversas que a notavel comediante não atenfasse na clareza da nossa intenção: a nós é que nos magoou vé-la torcer a sua primorosa criação agaiatando a demasiadamente. Do seu exagero nasceu a justiza do nosso critério. E se o fizemos, é porque, como já o dissemos quando dessa apreciação, a veneração que temos pelo seu nome nos dava ouso ao nosso reparo.

Entendemos, assim, que devia ficar bem contente a nossa consciencia e a homenagem de admiração pela genial actriz.

Na apreciação que fizemos no passado numero do nosso jornal de badida peça «O Lodo», jntrometemos o nome de Hortense Luz no desempenho do papel de Maria da Luz, quando dele se incumbiu com toda a proficiencia Constança Navarro, para—quem vão as nossas desculpadas pelo lapso bavido.

Demais Hortense Luz fez parte da tournée Lucilia-Erico, e Constança Navarro trabalha com Adelina Abranches.

O seu a seu dono.

Para a «Beneficente»

O nosso bom amigo sr. Manuel Ferreira Moreira (Posiga), antes de embarcar para o Brazil teve a generosidade de nos entregar esc. 5000 para a «Beneficente». Que o nosso amigo continue a gosar boa saude para que aos pobres não falte a sua caridosa protecção, tantas vezes comprovada, e o que desejamos.

“À LOS TOROS..I

José Casimiro na Póvoa

A noticia mais sensacional que avorocou os apreciadores da arte de Mariaiva, foi indubitavelmente a vinda à Póvoa, no proximo domingo, do afamado diestro José Casimiro que se estreará no rosso Stadium numa corrida que ha-de ficar memoravel nos annas da tauromaquia na nossa terra.

O reputadissimo lidador faz se acompanhar de seus dois filhos que na arte do toureiro ja se teem afeiçoado como dignos continuadores do glorioso pai.

Como se vé e natural e justificadissima a ansiedade de ver na nossa arena essa admiravel erindade de cavalleiros que tanto se tem evidenciado como emulos de Montes.

Nessa tarde o nosso Stadium encher-se-á de admiradores do grande e assombroso artista José Casimiro.

PEDINTES

Não se consinta que individuos estranhos à nossa terra andem por aí a pedir, de papel na mão, a laia de subscrição, ou sem ele. Pobres não nos faltam, infelizmente, e esses estão prohibidos de exercer a mendicidade porque lá teem a «Beneficente» que a nenhum nega o pão e o caldo diariamente. Tambem os pobres de fora que aqui passam, aquelles que «o são de verdade», ou o pareçam, podem recorrer à «Beneficente» que lhes mitiga a fome no dia da passagem, para que aqui não mendiguem.

Assim sendo, para que se consenta que andem ás vezes por aí mendicando, ou falsos mendigos, verdadeiros mariolões, a importunar-nos e aos nossos hospedes? A policia não tem instrução para reprimir esses abusos? Ou tem e faz vista grossa? De quem de direito pedimos providencias.

Alfredo Pinto

Acompanhado de sua ex.ma familia, retirou-se na quarta feira para Lisboa e teve a gentileza de vir à esta redacção apresentar-nos as suas despedidas, o que muito agradecemos, o sr. Alfredo Pinto, chefe da repartição do Ministerio do Trabalho e, como já o temos dito, um dos mais fervorosos admiradores e propagandistas das excellencias da nossa praia.

A permanencia, que anualmente vai a dois mezes, Agosto e Setembro, do sr. Alfredo Pinto na Póvoa, occupa-a s. ex., que é fino observador e estilista de apreço, a focar a nossa vida de praia em chronicas brilhantes, que este ano fez publicar successivamente no «Progresso», nosso colega local, «O Primeiro de Janeiro», do Porto, e «Didrio de Lisboa».

Ao sr. Alfredo Pinto retribuimos de novo os seus amaveis cumprimentos de despedida.

Desastre de automovel

Na ultima terça-feira, 22, ás 10 1/2 da manhã, corria pela Avenida Mousinho de Albuquerque, com mais velocidade do que a permitida pelos Regulamentos, o automovel n.º S—2436, quando ao fazer a curva da Praça Marquez de Pombal, como o chauffeur não moderasse a marcha, foi esbarrar-se fragorosamente contra uma das arvores que ornamentam aquella linda arteria, derrubando-a e causando no carro prejuizos superiores a 5 mil escudos.

Felizmente que não houve victimas pessoais a lamentar, desta vez. O chauffeur, logo após o desastre, evadiu-se.

A policia de giro naquela zona, João Ferreira, entregou o caso à administração do conselho.

Sciencias, Letras e Artes

Recantos da Beira

O turismo! Sonora palavra com que se encobre, entre nós, uma mystificação com que julgamos ir caminhando na esteira dos países adiantados, enganando-nos e enganados os turistas... porque, verdade averiguada, Portugal não é, como diz a sua imprensa, um país de turismo, mas sim país para turismo.

Esta diversidade de preposições deve trazer-nos a realidade e fazer-nos trabalhar para, de futuro, adquirirmos a classificação que julgamos ter e ainda não temos.

Portugal, deve accentuar-se, para evitar tristes equivoocos e fugir a deprimentes apreciações, ainda não é um país de turismo, porque o turismo cria-se, desenvolve-se, aperfeiçoa-se, como produto de alta civilização, que exige aturado estudo e arte elevada e não surge espontaneo, só porque a Natureza se exhibe em atrativos de toda a ordem e se prodigalisa em encantos inimitaveis.

Os turistas apreciam, sem duvida, os panoramas arrebatadores que a nossa terra e o nosso mar oferecem; mas não prescindem de todas as comodidades, de todos os confortos, de todos os requintes de bom gosto, a que estão acostumados.

São essas comodidades, são esses confortos, são esses requintes, que nós ainda mal conhecemos, o que nos falta e o que nós devemos estudar para, a seu tempo, o devemos praticar e hontear com os países que já são de verdadeiro turismo.

Como este assunto se presta a largos comentarios, façamos vista grossa sobre o caso e vamos à nossa modesta digressão pelas proximidades e longes da bela estancia da Curia.

A estrada que dá a estancia em contacto com o resto do mundo tem, como se fosse a planificação, o achatamento duma grande, duma prodigiosa arvore, tem as suas raizes na margem do Mondego, que serve de assento à decaudata Coimbra.

Do tronco acaud partem ramificações extensas que tocam em numerosos povoados grandes e pequenos, entrançando-se com outros, que derivam de outros troncos, indo parar a Vizeu e a Aveiro, sedes de dois importantes distritos.

Indo, pela lei da economia do tempo e do esforço, tomar o ramo mais pequeno, entra-se na estrada de Anadia, troço de viação que um regular automovel engole em menos de quarto de hora.

Genuina paisagem do país da Baitrada, a vista vai percorrendo aqueles tratos de terreno, rasgado pela via ferrea da C. P., dividido em largos traços, em cobertos pelas céphas viníferas, de terroço calcareo, escaldante, côrdo de tons amarellos e avermelhados e daado, com o acôr verde escuro das folhas, uma mescla original, tristonha, quasi dura à sensação visual; outros em entental fresco e suave dos milhos erectos, compactos, elevando nos ares a sua haste pedante, com os cimos coroados de pendão, que se agita mezureiro, imprimindo ao conjunto o aspecto de oasis. Casas poucas, gente pouca; só o arvoredo para pôe viltos á margem dos terrenos, de que se desprende um pó subtil e imperceptivel.

A estrada tem uma passagem de nivel mais saliente e uma pequena avenida em sombra aparece, com o seu aspecto cittadino—A Avenida Conselheiro José Luciano. É a entrada da vila de Anadia, a sede do concelho e da comarca.

Ao lado um grande largo, tambem dedicado ao mesmo Conselheiro e onde se projecta erguer-lhe uma estafia. Ao fundo os Paços do Concelho e depois em volta ágens prelios a dar o tom de superioridade á vila.

Dum canto do largo segue o caminho para o Bussaco, indicado por casas terreas, pobres.

A vila estende-se para mais longe deste primeiro plano. É uma vila com aspecto alegre, repositivo, satisfeito, e livre de ambigues, contente com o seu clima, a sua situação, o seu trabalho modesto, mas fecundo; podem ver-se de recordações...

Anadia foi, nos tempos, já parecendo remotos, do antigo regimen um quasi feudo de Conselheiro José Luciano, sendo aliás